

## Tudo passa pelo corpo

Ana Maria Hoepers Preve<sup>1</sup>  
Guilherme Carlos Corrêa<sup>2</sup>

---

### Resumo

O presente texto apresenta uma idéia de *corpo* como atravessado por um conjunto de forças ao mesmo tempo vindas do dispositivo escolar e de outros dispositivos de comunicação e formação de massas, que, estando em circulação na nossa sociedade, constituem o corpo como um suporte para a veiculação de "modos de ser" aceitos no interior desta mesma sociedade.

### Abstract

The present text presents a body idea as crossed at the same time by a group of forces comings of the school device and of other communication devices and formation of masses, that being in circulation in our society, they constitute the body as a support for the veinculation of "manners of being" accepted inside of this same society.

---

*Porque eu falo uma língua que escapou do espaço onde eu me encontrava até então: eu precisei gaguejar até calar a língua aprendida na academia. Precisei fazer um silêncio, em mim e à minha volta, para poder entrar na outra linguagem; para poder aprender a outra língua, primeiro "ouvindo" e depois gaguejando sílaba a sílaba, até articular as palavras — palavras arruinadas pela representação, palavras apodrecidas pela interpretação; para poder estar nesta outra enunciação, que vai se construindo à medida que fala e cala, num trabalho de bricolage (em que se usa o lixo, a sucata, para inventar novas expressões).*

Ierê Rego Beltrão<sup>3</sup>

Este *Ponto de Vista* dirige-se a práticas contemporâneas das pessoas, corpos que foram submetidos a uma política de formação que envolve a docilização do corpo e do pensamento. Restringimos nossa mirada àqueles corpos aprisionados pelas malhas estreitas das relações de poder/saber em circulação que estão radicadas nas práticas escolares e se estendem a toda gama de recursos e dispositivos de comunicação e formação de massas. O caráter totalizante e "universal" das estratégias de formação de grandes contingentes populacionais (por exemplo, a formação de uma identidade nacional, do eleitor, do cidadão) leva-nos a pensar e abordar temas como a escolarização, o encarceramento, saúde pública etc., a partir de uma suposta naturalidade e extensão universal dos mesmos; decorre disso o alijamento de uma parcela importante da população que, de certa maneira, vaza, escapa da estrutura "total" do Estado e sua atualização no mercado. Essa parcela é formada fundamentalmente por miseráveis, escroques, ladrões, prostitutas, vagabundos, presidiários, loucos, camponeses, velhos, analfabetos, desempregados e todos os modos de vida e práticas inomináveis. Detentores de capacidades, modos únicos de expressão e de percepção do belo, do gosto, do medo, da dor; sensíveis a ritmos outros, produtores de outras verdades. E vivos, para aqui viverem outras vidas que os participantes da comunhão "universal" dos saberes talvez não possamos mais viver.

Aos sete anos de idade, isso quando não freqüentam a pré-escola, meninos e meninas de todos os cantos do Brasil passam importante parte do seu dia na escola. Lá, outras práticas vão ocupar seus corpos, preencher seus tempos. Aqueles que passavam o dia correndo de bicicleta, jogando bola, ajudando os pais em alguns afazeres domésticos, indo com uma enxada nos ombros para as plantações, ou até mesmo os que

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Núcleo de Alfabetização Técnica, professora substituta da UFSC e professora colaboradora da Faed/UNESC, com mestrado em Educação pela UFSC, tendo como tema de dissertação a sexualidade e a produção de subjetividades.

<sup>2</sup> Pesquisador do Núcleo de Alfabetização Técnica, professor da Universidade Federal de Santa Maria/RS, no departamento de Metodologia de Ensino, e doutorando do Programa de Pós-Graduação da PUC/SP, na área de Sociologia Política.

<sup>3</sup> <sup>3</sup> BELTRÃO, Ierê. Internet e subjetivação pela máquina: educar sem saber. In FREITAS e CORRÊA (org.). **Encontro de Educação Libertária**: textos, UFSM, 02 a 04 dezembro 1998:169.

ficavam no vai-e-vem dos carros a pedir uma esmola, ou cuidando de irmãos menores, enquanto suas mães trabalhavam fora de casa, os que ficavam à frente da televisão, esses e todos os outros que vivem, movimentam-se, a partir de sua entrada na escola, vão progressivamente mais e mais tendo um corpo que mostra alguém que recebe, que passivamente espera explicações, que, sentado, espera adquirir capacidades. A rotina pedagógica da escola desenvolve-se a partir do silêncio e do corpo estático.

Sentado numa carteira de escola, por quatro horas diárias, olhando a parte de trás da cabeça do colega, o corpo está "parafusado". Apenas algumas partes são ativadas: o ouvido, para captar a mensagem emitida pelo professor; o braço, desajeitado, que custa a fazer o movimento de pedir licença para falar; a mão, para escrever as mensagens do dia e virar as páginas do caderno; a boca, para alguma tentativa de conversa ou um pedido de explicação, de ida ao banheiro, mas que logo é calada. Esses meninos levam muito tempo para apreender esse ritual diário de comportamento em que partes do corpo são acionadas para o aprendizado. Não é mais o corpo inteiro, como acontecia na rua, que aprende, mas partes dele. Assim, imóvel por 11 anos — isso se completar o ensino médio sem reprovação —, o corpo vai se transformando num receptáculo, num vazio a ser preenchido. Foi assim que a maioria de nós passou seu tempo na escola. Através do conjunto de regulamentos escolares e das suas práticas diárias, entra em ação um projeto político com caráter científico — com suporte nas legislações para a educação nacional e nas ciências da Educação — para direcionar as operações do corpo. E, nesse tempo escolar, o corpo entra em formação. Não interessa aqui o corpo único, singular, de cada um que utilize as suas potencialidades, mas o corpo do cidadão, do profissional assalariado, do consumidor. Haverá máquina mais presente, intensa e insistente, capaz de fazer o corpo chegar, por meio de exercícios constantes, a um ponto zero criação?

Como se não bastasse produzir um corpo que funcione como alvo imóvel de estratégias políticas, a escola nos faz perceber o corpo. Os aparelhos digestivo, excretor, reprodutor, circulatório etc. vão sendo apresentados, pelos livros didáticos de Ciências e Biologia de algumas séries, como sistemas isolados, estáticos, de cuja suposta interação e organicidade estaria formado o corpo de cada um. Um não-corpo, um esquema estático onde "*o sangue é uma linha de tinta [vermelha ou azul] fixa*"<sup>4</sup>. É um corpo que, sem nome, sem cara, sem desejo, sem subjetividade, é transformado em objeto de estudo. Estudar o corpo, na escola, significa apropriar-se do conteúdo de suas partes e funções, para que depois, ou seja, fora da escola, o aluno consiga aplicar este conhecimento em prol da sua qualidade de vida politicamente correta. O corpo que a escola nos faz ver é um corpo didático, rígido, como que um subproduto de aulas de anatomia. O movimento do corpo na escola tem lugar e hora: nas aulas de Educação Física. A escola, esta máquina de produzir corpos dóceis, tem nestas aulas e nas de Ciências os artifícios que permitem provar sua preocupação com a formação do corpo e da mente. Todavia, é o exercício de estar sentado, imobilizado, que deixa a marca indelével do que se aprende na escola

Assim, não é exatamente um conteúdo curricular sobre o corpo que precisa ser veiculado, mas sim um modo de ser: um corpo "útil e dócil". Útil, porque sua força foi transformada para a sujeição do trabalho assalariado; dócil, na medida em que também a sua força política foi reduzida a zero. Um corpo coisificado pelo trabalho minucioso da rotina escolar.

Quem determina maior papel na formação deste corpo? O conteúdo presente no livro didático ou o tempo passado na mesma posição, acostumando-se a obedecer ora os comandos dados pelo professor de Educação Física, ora os dados pelo restante do quadro docente, ora pelo som estridente da sineta a marcar a hora de sentar e a hora de levantar? Aluno e professor, encarcerados no interior do sistema escolar, são fabricados pelo controle rígido das suas atividades, apreendendo juntos, e sem saber, um saber politicamente correto acerca de seus corpos. Aprendem porque expressam com seus gestos as marcas profundas de um corpo disciplinado. Corpo que repete:

*Os efeitos da educação não se medem pela quantidade ou qualidade dos conceitos memorizados ou dos conhecimentos retidos. Os efeitos da educação se medem pelos fluxos que ela passa, faz passar, permite passar e corta: fluxos de pensamentos e de sentimentos, de percepção e de delírios*<sup>5</sup>.

E fora da escola, este projeto "intencional" de formação também acontece? O corpo também vai repetir? Quais são as extensões do projeto formador que acontece concomitante à escola, mantendo o regime de contenção das forças do corpo? Podemos enumerar aqui alguns outros dispositivos que, juntamente com a escola, concorrem para a produção de subjetividades permitidas para circular em determinada órbita do

<sup>4</sup> ALMEIDA, Milton José. **O corpo, a aula, a disciplina, a ciência...** (texto sem referência).

<sup>5</sup> BELTRÃO, Ierecê. 1998:175.

mercado: a TV, a internet, as revistas, um *shopping* etc. Do corpo em movimento antes da escola, passamos ao corpo que se movimenta pós e paralelo à escola. Um corpo que sai de casa a buscar saídas. Um corpo que caminha observando vitrines num *shopping center*. Que assiste a um filme no cinema, que assiste TV. Que preza ir de um lugar a outro dentro de um automóvel, sem se mexer. Que acessa uma sala de conversa na internet ou qualquer outra página. Um corpo que folheia as páginas de revistas à procura de solução para sua vida. Tudo que está fora do corpo está em movimento constante, e o corpo/platéia assiste, imobilizado, ao espetáculo da nossa cultura.

O discurso sobre o corpo veiculado por revistas de grande circulação oferece uma oportunidade de fazermos uma análise de como nosso corpo vai sendo, após a escola, capacitado permanentemente para a vida em sociedade. São páginas e páginas com propostas de tratamento permanente do corpo e da alma. Circula aí um conjunto de saberes para o corpo que funcionam como um conjunto de técnicas e procedimentos voltados para a produção de sujeitos normais. De quais sujeitos estamos falando? Certamente, daqueles que já foram moldados pela escola e que possuem um certo poder econômico que lhes permite comprar (ou pelo menos aspirar por) *kits* (fôrmas) para o embelezamento. Esse conjunto de saberes corporais não são apenas informações disponíveis, mas prescrições de comportamento e controle das forças do corpo e da vida diária.

"Os feios que me perdoem... mas beleza é fundamental na hora H. Ajuda até a perpetuar a espécie". Esse era o título de uma reportagem da seção *Sexo*, da revista *Veja* da semana de 28 de junho de 2000, ilustrada pelo tronco seminu do ator e modelo Paulo Zulu. Além de todo o indicativo quanto a qual beleza o texto se referia, encontra-se logo após a primeira página uma caracterização da beleza masculina, baseada em pesquisas científicas: "*a masculinidade está expressa principalmente na estrutura óssea e muscular da face. Um traço que parece aumentar a atratividade é um grupo de músculos mastigatórios fortes, que confere ao rosto uma forma quadrada*". O texto diz que quanto mais belo o macho (parceiro sexual) mais fácil é para a mulher atingir o orgasmo, aumentando também sua capacidade de fertilidade, pois aumentam as contrações do útero, facilitando o contato entre espermatozóide e óvulo. Isso sem contar que, linhas antes, o texto já esclarece aos que não se encaixam no padrão Paulo Zulu — os que apresentam careca reluzente, barrigão de cerveja e unhas sujas —, que seu desempenho entre as mulheres só é possível, se os belos não estiverem por perto — esses últimos definidos pela autora do texto como sendo as "estranhas formas de vida".

Se nos dermos conta de que é mínima a parcela da população que se aproxima do padrão de beleza Paulo Zulu (levando-se em conta o que expõe a autora), a esmagadora maioria dos viventes possui um corpo inadequado, insuficiente, impróprio para a tarefa procriativa. O corpo vazio que a escola prepara para que nele habite o cidadão, mostra-se como uma terra de ninguém, loteável, vulnerável na instauração de políticas que visam moldar as subjetividades e restringir as direções do desejo.

Corpos totalmente úteis, pois consomem e, quando não fazem isso, desejam incessantemente tal prática. Corpo preso. Corpo que, sujeitado, pede sempre mais, pois nunca se completa. Estamos doentes... corpos e almas que necessitam permanentemente de cuidados. Resistir passa pela luta contra uma subjetividade submetida, acostumada a repetir anos a fio.

Se é o corpo o lugar em que as forças massificadoras forjam uma subjetividade de massa, é dele também que depende a criação de modos de vida até agora nunca experimentados. O corpo que obedece é o mesmo que conspira e que cria.